



FILOSOFIA E LIBERDADE: A VIDA PARTEJANDO VIDA, OU SOBRE O ESTUDAR/LECIONAR FILOSOFIA FILOSOFICAMENTE

Philosophy and Freedom: the life generating life, or about studying/teaching philosophy philosophically

Marcos Érico de Araújo Silva
UERN/Caicó

Resumo: O artigo procura meditar a imbricação de filosofia e liberdade como e enquanto um movimento desde a vida indeterminada ou apática para a singularização de uma Vida determinada, qualificando-a como Vida filosófica. Vida filosófica como perfazendo um modo de ser no estudar/lecionar filosofia filosoficamente. Esta forma de Vida filosófica imita o modo de ser de toda obra filosófica consagrada pela Tradição: em tudo que o filósofo diz, pensa, ou escreve está em jogo o movimento do caçar a *mesmidade* da filosofia. O estudo filosófico da filosofia se empenha *não nas muitas* filosofias, mas na análise meditativa de *uma* filosofia, e, a partir do aprendizado da tematização do *mesmo* que aí acontece, então, acessamos todas as filosofias a partir de uma filosofia. Por fim, dialogaremos com Hannah Arendt sobre seu testemunho do magistério de Heidegger. Muitos filósofos contemporâneos, clássicos na História da Filosofia, foram seus alunos comprovando a eficácia do magistério heideggeriano. Por que no atual contexto brasileiro de discussões sobre Filosofia do Ensino de Filosofia isto tem surpreendentemente tão pouca repercussão e valorização?

Palavras-chave: Mesmidade. Vida filosófica. Filosofar. Ensino de Filosofia.

Abstract: The article tries to meditate the imbrication of philosophy and freedom as and as a movement from the life indeterminate or apathetic to the singularization of a determined Life, qualifying it as Philosophical Life. Philosophical life as a way of being in philosophically studying/teaching philosophy. This philosophical form of Life imitates the way of being of every philosophical work consecrated by Tradition: in everything that the philosopher says, thinks, or writes, the movement of hunting the *unity* of philosophy is at stake. The philosophical study of philosophy engages *not in many philosophies*, but in the meditative analysis of a philosophy, and from the thematic learning of the *unity* that happens there, then, we access all philosophies from a philosophy. Finally, we will talk with Hannah Arendt about her testimony of Heidegger's teaching. Many contemporary philosophers, classic in the History of Philosophy, were his pupils proving the efficacy of the Heideggerian teaching. Why in the current Brazilian context of discussions about Philosophy of Teaching Philosophy does this surprisingly have so little repercussion and appreciation?

Keywords: Unity. Philosophical Life. To philosophize. Introduction to philosophy. Teaching Philosophy.

“Do Logos com que sempre lidam se afastam, e por isso as coisas que encontram lhes parecem estranhas¹⁷”
(HERÁCLITO).

¹ ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. 3ª ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, e Sérgio Wrublewski. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 79, Fragmento 72.

I

O título *Filosofia e Liberdade* deve ser lido não como dois elementos distintos, separados que são conectados, mas deve ser lido na compreensão de um movimento existencial, de ser um no outro, um como o outro. Filosofia e Liberdade é, então, filosofia como ou enquanto liberdade. Filosofia só existe como movimento do despertar do filosofar no homem e pelo homem. Liberdade, aqui, enquanto essência do homem, quer dizer, como e enquanto devir que singulariza, é o espaço relacional, existencial, em que se desencadeia a ação da liberação de uma identidade, de um próprio, de um si-mesmo. Filosofia e Liberdade é a descrição da estruturação do tornar-se si-mesmo (*Selv; Selbst*), homem. Por esta razão que o título chama e convoca um subtítulo para precisá-lo, a saber: *a vida partejando Vida, ou sobre o estudar/lecionar filosofia filosoficamente*. Filosofia enquanto e como liberdade fala do movimento existencial da vida partejando Vida. Filosofia significa a reflexão teórica da liberdade do homem como liberação de sua identidade. Filosofia fala desde a vida inautêntica, imersa na indeterminação, conduzindo-nos para o engendramento de uma Vida mais autêntica, mais qualificada, autodeterminada enquanto *esta* ou *aquela* Vida, quer dizer, identidade toda própria e a partir de um próprio, de uma singularidade. Falarei aqui da filosofia como modo de ser, de existência, de uma vida qualificada como ou na forma de Vida filosófica.

A vida de todo e qualquer homem se encontra enquanto uma vida quantificada, mas não qualificada existencialmente. O homem inicialmente é sempre massa, mais um, um número no rebanho. O homem se vê num mundo intermediado pelas instituições em que molda seu modo de ser e ver o mundo. Mas essa intermediação não é dada desde uma singularidade, da qual os homens inicialmente carecem, mas as decisões e escolhas são tomadas a partir de uma con-juntura. O homem inautêntico escolhe, na verdade, portanto, sob a ótica ou perspectiva do que a conjuntura determinou como sendo o verdadeiro. O homem inautêntico, porém, não enxerga as coisas assim e pensa ser autêntico justo por seguir a moda, a onda, a corrente, a conjuntura.

Uma vida qualificada tem outro movimento, outro procedimento. É uma vida qualificada porque suas decisões e escolhas decorrem de seu próprio, de sua singularidade. É uma vida que parteja Vida com “V” maiúsculo, quer dizer, não qualquer vida, indeterminada, mas *esta* vida ou *aquela* vida numa autodeterminação ou singularização. É, pois, uma vida que concebe, engendra, gera ou gesta outra Vida. A vida grávida de Vida! Uma vida *mais* Vida. Uma vida autêntica. Claro que uma vida qualificada não se refere originariamente a uma vida regida por um *status quo* social, acadêmico, religioso, ou na ostentação do poder e dinheiro. Nada disso nos fala, ou comprova a existência de uma vida qualificada, autêntica, existencial. Pode ocorrer que justo ali onde a vida ganha em superabundância, do ponto de vista da exterioridade e do prestígio social, é então que se revela com mais nitidez como uma vida pobre e fútil da perspectiva da autenticidade. E, ao contrário, ali, onde tudo sinaliza para pobreza, simplicidade e carência de tudo, é justo onde a autenticidade resplandece.

Falarei aqui, pois, da filosofia como e enquanto liberdade, quer dizer, da vida partejando Vida quando esta Vida se qualifica ou se singulariza como e enquanto Vida filosófica. Essa qualificação, singularização desde a vida, com “v” minúsculo, quer dizer, da vida determinada desde uma indeterminação por não atingir a singularidade, até a apropriação de uma Vida com “V” maiúsculo, quer dizer, vida qualificada, existencial, singularizada se apresenta no modo como se estuda/lecciona filosofia. Aqui, no estudo ou no magistério da filosofia, transparece o modo como se enfrenta a existência: ou na *forma erudita* investindo no muito conhecer, em muitas informações historiográficas em que é valorizada a memorização ou repetição da informação, ou na *forma filosófica* investindo no empenho e desempenho do saber filosófico através da meditação do texto filosófico perfazendo lenta e vagarosamente a experiência do filosofar. Esta experiência do filosofar, na forma filosófica, na Vida filosófica, é carregada de uma “emoção mais profunda”, não obstante as dificuldades de compreensão do texto, “porque via [o

pseudônimo descreve a experiência do processo do tornar-se filósofo] o movimento do pensamento aparecer diante de si²”.

A perspectiva de abordagem da questão procura pegar ou tocar na coisa “pela beirada” sem a pretensão de esgotar ou agasalhar a coisa em sua total nudez. Tratarei dessa questão visando a dimensão vital-existencial ou ontológica. Tentarei pegar na coisa aproximando-me dela “pela beirada”. A imagem que espontaneamente vem à mente é a de um procedimento prudente, cuidadoso. Parece com qualquer coisa que implica também em um perigo. Quando vamos comer um pirão ou tomar uma sopa muito quente devemos começar comendo ou tomando “pelas beiradas”. Caso contrário a imprudência ou gula pode nos ocasionar uma lesão na língua queimando-a, e, assim, além do dano da língua, outro dano também será perceptível e momentaneamente irremediável: a falta ou dificuldade do degustar a comida, o não sentir bem o gosto da coisa comida. Mas se observarmos bem, a partir deste fenômeno do cotidiano, compreenderemos que realmente só poderemos degustar da sopa ou pirão quente “pelas beiradas” e isto não nos impede de saborear a coisa comida. A porção tanto da beirada quanto do meio, do núcleo, é a mesma coisa, a mesma sopa ou pirão “da beirada”!

O que isso tem a ver com o que proponho falar aqui? É que falar de filosofia, de liberdade, de vida é coisa demasiadamente grandiosa, excelsa, e, por isso mesmo, fundamental. Toca a todos e a cada um de nós. Corremos o risco, então, de tratar disto numa abstração e numa indeterminação que ao fim mais desvia do que envia no caminho da apropriação existencial. Por este caminho, em sendo descaminho, não pegamos na coisa da filosofia, nem deixamos a filosofia nos pegar! Falarei, pois, da Vida filosófica como modo de ser na forma de estudar/lecionar filosofia filosoficamente. Eis aí a imbricação de filosofia e liberdade! Falarei da filosofia, da liberdade, e da vida enquanto e como estruturação do movimento existencial do tornar-se homem *na forma* de estudar/lecionar filosofia. Estes três elementos, pois, articulam um mesmo movimento existencial-ontológico do vir-a-ser do homem e que a filosofia se ocupa em estruturar e esquematizar numa explicação. Este partear da Vida autêntica, em sendo filosofia, marca, também, um modo de estudar/lecionar filosofia *filosoficamente*. É o partear da Vida filosófica enquanto uma vida possível que se efetiva, qualificando-a existencialmente!

Tentar pegar na coisa “pela beirada” talvez seja o único modo de se poder falar disto. Único modo, aqui, não significa uniformidade, padronização. Único modo quer dizer único tom. A filosofia tem esse modo, esse tom que a diferencia de qualquer outro saber ou ciência. Esse modo e esse tom da filosofia se ramificam em uma infinidade de tonalidades possíveis do filosofar. De fato, a História da Filosofia com seus mais de dois mil e quinhentos anos é um testemunho da *variação do mesmo (Selbe)*. Toda filosofia criada por determinado filósofo na história fornece um tom próprio nas pluralidades de tonalidades da filosofia. Filósofo é aquele que conquista um lugar na História da Filosofia recebendo reconhecimento por parte de outros filósofos da Tradição por ter contribuído com uma tonalidade própria, um modo próprio de filosofar e, portanto, através de determinados conceitos modificou, ou con-formou um modo próprio de fazer filosofia.

II

O que está aqui em causa, quer dizer, colocado em questão, é *estudar/lecionar filosofia filosoficamente*. Em uma palavra: o devir existencial que conquista a singularidade de uma Vida filosófica. O “filosoficamente” está grifado: é um grito, uma ênfase, um destaque. Isto acena para um modo, uma forma de estudar/lecionar filosofia reivindicando uma *forma filosófica*. A necessidade dessa reivindicação para uma forma

² KIERKEGAARD, Søren. *Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo*. Tradução de Sílvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro Valls. Prefácios e notas de Jacques Lafarge. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 6-7.

filosófica de estudar/lecionar filosofia pressupõe a possibilidade de estudar/lecionar filosofia de forma não-filosófica. É possível portanto, em princípio, estudar/lecionar filosofia de forma não-filosófica. É afastando-se desse modo não-filosófico, erudito, que, este artigo, quer não só acenar ou apontar, mas se deter, meditando nisto como sendo o *próprio* do saber filosófico.

Em que consiste esta *forma filosófica*? Forma, aqui, não fala de uma fôrma, de um molde, de uma bitola que prende a um trilho uniformizado, padronizado, mecanizado, papagaiado. Não tem nada a ver com erudição, com a estirpe *Amazona aestiva academicus*, da família dos eruditos, das “castas acadêmicas”³, quer dizer, dos *psittacidae academicus*. Mas falamos de uma forma que demarca um tom, uma força que contém em si uma possibilidade de poder ser, mesmo que se configure de diversas formas. Existe, portanto, um elemento que unifica e congrega numa unidade conferindo uma identidade, um próprio. Essa identidade, mesmo expondo-se na multiplicidade de formas, salvaguarda ou expressa a forma filosófica na variedade das formas. Essa identidade, essa unidade, é o elemento da filosofia, sua essência, seu próprio. Filósofo só fala e só se ocupa disto! É neste elemento que o filósofo vive, respira, pensa e escreve – não falarei em morte porque filósofo não morre, mas se eterniza nas obras que escreve – e só a partir deste elemento e só por causa dele que é possível pensar e escrever filosofia. Acrescento: só a partir e por causa deste elemento que é possível estudar/lecionar filosofia. A filosofia não é outra coisa que a expressão deste elemento. O elemento da filosofia, sua essência, o seu próprio, o seu *medium*, é a linguagem de *arché* desde o *páthos* de querer compreender a realidade. O filósofo, em suas obras, ou melhor, através de suas obras, pro-cura capturar a verdade do real desde a experiência da gênese, quer dizer, filosofia fala da gênese do real, do real realizando-se. A filosofia se detém diante do espanto (*thaumázéin*) da experiência do real e persistindo neste espanto – que o homem comum supera - busca compreender sua gênese, sua origem. Esse movimento de compreender a experiência é, ao mesmo tempo, marcado por *arché*, mas também por *páthos*. O filósofo é tomado e afetado (*páthos*) pela experiência, inculcado em descobrir sua gênese (*arché*), mas ao mesmo tempo afetado pela necessidade de descrever ou explicitar (*logos*) essa gênese (*arché*) da experiência (*páthos*). Assim, nos escritos filosóficos aparece e transparece essa gênese do real, quer dizer, no texto de uma obra de filosofia a experiência é descrita numa transcendência “atemporal” e “ahistórica”. Uma obra de filosofia é “atemporal” e “ahistórica” no sentido de que, mesmo se situando em um tempo histórico e respondendo aos problemas históricos, ela transcende essa situação e esse contexto justo em virtude e pela força da linguagem da filosofia ser da gênese da gênese, quer dizer, a explicitação (*logos*) da experiência (*páthos*) na linguagem de *arché*⁴. Neste sentido a “atemporalidade” e “ahistoricidade” de toda obra de filosofia é

³ NIETZSCHE, Friedrich. “III Consideração intempestiva: Schopenhauer como educador”. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo (Org.). *Escritos sobre educação*. 3ª ed. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007, p. 151; n.3.

⁴ Neste sentido, por essa razão e com razão que, ao contrário das Ciências, uma obra de Filosofia não tem data de validade. Platão, filósofo da antiguidade, é tão contemporâneo quanto qualquer contemporâneo ou pós-moderno. Mas, para isto, para visualizar isto, não se pode trabalhá-lo historiograficamente, como algo do passado, mas é preciso ler/estudar/lecionar Platão historicamente, quer dizer, como tendo tematizado e, portanto, mostrado a coisa do pensamento enquanto *porvir*: A Arte, a Literatura, a Poesia, a Pintura, neste sentido, assemelham-se à Filosofia, por não terem validade a expirar justo por capturarem a verdade do real, a essência do humano na gênese de suas concreções e realizações. O que as diferenciam é a linguagem (conceitual, pictórica, literária etc.), própria a cada uma, em que ex-põem a *mesmidade* da gênese da verdade do real. Neste sentido, esses saberes estão mais próximos da Filosofia do que a Ciência e, por isto, acredito, por exemplo, numa rica aproximação entre Filosofia e a Literatura ou Arte em geral na *transmissibilidade* da Filosofia. Mas, aqui, cabe uma observação crítica norteadora dessa possibilidade de se trabalhar a articulação de Filosofia e Arte como “método” de se pensar o Ensino *Filosófico* de Filosofia. Assim como não se deve trabalhar no Ensino Filosófico de Filosofia as Ciências da Educação (Pedagogia, Educação, Didática etc) por elas mesmas, não se deve trabalhar a Arte a partir das Ciências da Arte (educação artística, história da arte etc), mas a partir e no interesse ou perspectiva da Filosofia. A Arte trabalhada nos Departamentos de Artes (Música, História da Arte, Educação Artística etc.) é com razão trabalhada ou tematizada de forma muito distinta como desenvolvida nos Departamentos de Filosofia sob as disciplinas de Filosofia da Arte ou Estética.

a condição para possibilitar de forma mais qualificada a temporalização e historicização da minha experiência aqui e agora, como leitor, estudioso, ou professor de filosofia.

Paul Ricoeur em sua obra *História e verdade* comentando E. Bréhier, sobre os três níveis do trabalho do historiador da filosofia, escreve criticamente sobre a forma não-filosófica de ver a história da filosofia:

[...] a história externa só vê em uma filosofia um fato cultural, um conjunto de representações suscetíveis de serem explicadas pela sociologia, pela psicologia, e até pela psicanálise ou a economia. Sob este ponto de vista, uma filosofia não é senão um efeito social ou psicológico entre outros; defende-se em benefício do contexto histórico o vínculo da filosofia ao filósofo. A filosofia não é senão um sintoma. [...] falta-lhe [nesse primeiro nível], entretanto, o coração da intenção filosófica; a história da filosofia, vista por um não-filósofo, passa a ser uma história das ideias, uma sociologia do conhecimento⁵.

Destaco aqui, para meu interesse de evidenciar filosoficamente a questão do estudo ou do magistério filosófico da filosofia, a crítica a este primeiro nível do trabalho do historiador da filosofia. Este procedimento descrito, na citação do filósofo francês, é próprio do não-filósofo, quer dizer, da forma não-filosófica de estudar/lecionar filosofia. É a forma erudita, historiográfica. Filosofia, do ponto de vista do trabalho do filósofo, não é, portanto, um fato cultural⁶. Filosofia não é história das ideias. Filosofia é, nas formulações transfiguradoras de Kierkegaard e Heidegger, respectivamente: “pensar um único pensamento [At tænke een Tanke]”, e, em virtude disto, a filosofia “é a ‘disputa amorosa’ pela coisa mesma [ist der ‘liebende Streit’ der Sache selbst]”. Essa “disputa amorosa” (*liebende Streit*), pensa e ensina Heidegger, não é a simples e vulgar refutação, a esquizofrenia delirante de uma pulsão por querer a todo custo criticar o outro. Isto é coisa de livro de *História da Filosofia*, de *Manual de Filosofia*, de erudito, jornalista. O filosofar, o ato ou exercício de fazer filosofia, não se move pela mera e vaidosa disputa, pela querela, não tem o espírito de *armar barraco*. Mas o filosofar do autêntico filósofo é movido pela “disputa amorosa pela coisa mesma”. Disputa (*Streit*) sim, mas amorosa (*liebende*). “Amorosa” porque parte do pressuposto de que todo filósofo, se de fato e de direito for filósofo, fala, escreve, busca, caça⁹ sempre o *mesmo* que todo filósofo. Nesse sentido, na

⁵ RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Tradução F. A. Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968, p. 49.

⁶ Sobre a compreensão ambliope que reduz filosofia à fato cultural pautada no pressuposto de que a formação, num curso de graduação em filosofia, toma como norte a linha de informação (historiografia) e reflexão (histórico) articulando equivocadamente a ideia de que sem informação não é possível existir reflexão, recomendo a leitura de HARADA, Hermógenes, “2. Linha de informação e linha de reflexão, um equívoco da classificação”. In: *De estudo, anotações obsoletas: a busca da identidade humana e franciscana*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco; Curitiba: Instituto de Filosofia São Boaventura, 2009, p. 49-54. É primorosa a desconstrução que Harada realiza, no espírito fenomenológico, particularmente de Heidegger, da falsa ideia de que, as informações historiográficas, são dados objetivos necessários para que o aluno possa aprender a filosofia. Pautada nesta falsa compreensão de filosofia as disciplinas, por exemplo, de História da Filosofia, teriam que tratar de diversos autores apresentando suas doutrinas, resumindo suas obras, fornecendo o máximo de informações sobre autores, épocas, e correntes de pensamento. Harada demonstra que neste procedimento não há nada de objetivo e que isto não segue o modo de ser da própria filosofia, mas a forma das ciências. Hermógenes Harada, doutor em filosofia na Alemanha, participou da edição crítica das obras completas do filósofo franciscano medieval Raimundo Lúlio, tendo sido o responsável, o coordenador dos tomos.

⁷ KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Tradutor Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005, p. 403. No original: KIERKEGAARD, Søren. “Kjerlighedens Gjerninger”. In: *Søren Kierkegaards Skrifter Elektronisk*. Version 1.6, 2011 (SKS 9), p. 354. Disponível em: <http://sks.dk/KG/txt.xml>. Acesso: 07/06/2019.

⁸ HEIDEGGER, Martin. “Carta sobre o humanismo”. In: *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini, e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008a, p. 349. No original: HEIDEGGER, Martin. “Brief über den ‘Humanismus’”. In: *Wegmarken*, GA 9, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1976, p. 167.

⁹ As palavras “caçar”, “caçando” acenam e indicam uma metáfora que tenta capturar o ofício do filósofo, a especificidade do saber filosófico. Caçar é a ação de sair em busca da “presa” seguindo os vestígios, deixados por ela, porém imperceptíveis para quem não é treinado ou não tem a habilidade do caçador. A “presa” é aquilo que a natureza, a *Physis*, oferece, permite ou possibilita no jogo do encobrir e desencobrir, em que vive e vigora

atmosfera da *mesmidade* da filosofia, ensina e admoesta Heidegger: “Todos os pensadores pensam o *mesmo*, porém não o ‘igual’, ou, dito mais exatamente: o igual não é o mesmo. O *mesmo*. Pensar o *mesmo* é o *mais difícil*. Entre todos os ‘filósofos’ genuínos existe uma filia original: uma ‘*amizadé*’ dentro da suprema inimizade”¹⁰. Todo filósofo que de fato e de direito seja filósofo e, portanto, vive imerso na profundidade dialógica com a Tradição filosófica busca sempre, em tudo que pensa e escreve, em tudo que diz e faz, a *mesmidade* da filosofia. Sobre a clareza do estudo da História da Filosofia não como um delírio esquizofrênico, ou “um divertido aspecto de doce manicômio”¹¹, quer dizer, como amontoado de informações com doutrinas de ideias e autores muito distintos e muito díspares, numa infinda catalogação de dados, mas, ao contrário deste movimento horizontal-historiográfico, o estudo sóbrio da História da Filosofia segue o movimento vertical-histórico, cavando na pro-fundidade da tematização da *mesmidade* da filosofia, escreve Ortega y Gasset:

[...] embora sejam muitas e discrepantes [a História da Filosofia, as doutrinas filosóficas], são opiniões sobre o *mesmo* [*mismo*]. Isto nos convida a buscar, ao contemplar a translucidez da pluralidade das filosofias, a unidade, mais ainda, a *unicidade da* [de *la*; o autor grifa o artigo!] filosofia; a descobrir através das diferentes doutrinas o que nelas há *do mesmo* [*lo mismo*]. De outro modo não teria sentido chamar essas doutrinas, apesar de suas divergências, de “filosofias” ou nomes afins. **Isso implica que, sob suas máscaras de antagonistas, todas são a mesma filosofia**, quer dizer, que as filosofias não são mera multidão, não são só esta, e aquela, e a de mais além, mas que tem ultimamente uma *mesmidade*. Entenda-se, esperamos, suspeitamos, presumimos que a tenham. **Partimos, pois, jovialmente à arriscada viagem em busca da *mesmidade* [mismidade] da filosofia**¹².

Então, estudar/lecionar filosofia filosoficamente é perseguir não a erudição do conhecer todas as doutrinas, todos os -ismos, toda a História da Filosofia com o máximo de autores, mas um penetrar *com profundidade* na unidade ou unicidade da *mesmidade* de toda a filosofia. Externamente, superficialmente, vistas como doutrina ou sistema, as filosofias são antagonônicas. Mas quando examinadas da perspectiva interna da essência da filosofia, então superamos o vício erudito, historiográfico, jornalístico, blogueiro de *substancializar* a filosofia e a compreenderemos como *verbo*, como *exercício do filosofar*, caçando a tematização da *mesmidade* da filosofia. Assim, aprendendo a ver no acompanhar como o filósofo coloca a questão, ou em questão qualquer temática filosófica, as aparentes divergências entre as pluralidades de filosofias perdem seu vigor por vigorar a *mesmidade* da filosofia nas diversas filosofias. Não há, portanto, dicotomia entre filosofia e filosofar porque ambos perfazem o mesmo movimento do partejamento dialético de uma filosofia *no* filosofar e do filosofar *em uma* filosofia. É só no movimento do filosofar que a filosofia acontece: foi assim que o filósofo produziu sua filosofia através de suas obras, então é só ao entrar neste movimento reflexivo, neste ato criador,

o aparecer e o esconder, próprio de seu ambiente, de seu *habitat*, exigindo que o caçador tenha faro, instinto para ser capaz de ver a caça para além dos disfarces naturais que a encobre. A metáfora, aqui, resguarda uma relação originária do filósofo como o *caçador* da *mesmidade* da filosofia, caçando o *mesmo* que todo filósofo tematiza, in-vestiga. Caçar implica num procedimento que se opõe a algo dado, pronto e acabado: o caçador não caça sua presa num supermercado, assim como o filósofo não estuda/leciona filosofia ao modo historiográfico em que tudo está classificado, catalogado, etiquetado. Sobre esta questão é muito significativo e elucidativo confrontar a interpretação de Heidegger sobre a relação de Heráclito com a deusa Artemis, deusa da caça, deusa da *Physis*: HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental, Lógica. A doutrina heraclítica do logos*. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 28-34.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ejercitación en el pensamiento filosófico: ejercicios en el semestre de invierno de 1941-1942*. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2011, p. 95, grifos do autor, tradução nossa.

¹¹ ORTEGA Y GASSET, José. “Origen y epílogo de la filosofía”. In: *Obras completas. Tomo IX (1960-1962)*. 2ª ed. Madrid: Revista de Occidente, 1965 (OC 9), p. 378, tradução nossa.

¹² ORTEGA Y GASSET, José. “Origen y epílogo de la filosofía”. In: *Obras completas. Tomo IX (1960-1962)*. 2ª ed. Madrid: Revista de Occidente, 1965 (OC 9), p. 379, grifos do autor, negrito nosso, tradução nossa.

meditativo que devemos ler/estudar/lecionar filosofia. O filosofar é a alma da filosofia e a filosofia o *corpus* do ou de um filosofar! A filosofia de um filósofo é o aparecimento, a manifestação de um filosofar concretizado nas obras de filosofia, e, este filosofar, desta filosofia, é o ato criador da gestação, do partejamento da filosofia. Estudar/lecionar, assim nesta disposição de espírito, um autor, uma filosofia, na meditação e apropriação do *mesmo*, é já entrar *sem entrar* em todas as filosofias. Karl Jaspers, neste mesmo espírito, também ensina aos estudantes de filosofia:

Convém escolher [para o estudo de filosofia], em primeiro lugar, um filósofo principal. E é evidentemente desejável que seja ele um dos maiores. [...] *Qualquer filósofo que se estude em profundidade conduzirá gradualmente a toda a filosofia e a toda a história da filosofia*¹³.

Estudar/lecionar filosofia, durante todo o semestre, num curso Superior de Filosofia, acompanhando o filosofar de um filósofo a partir da análise hermenêutica, através da meditação de uma obra, ou fragmento de uma obra filosófica, é um exercício filosófico de adentrar em toda a História da Filosofia, ter acesso às filosofias a partir e desde *uma* filosofia. Filósofo não se ocupa primariamente em falar da realidade sociológica ou política do país apresentando soluções ao modo de “guru” à busca de seus seguidores que desejam tais soluções. Filósofo apenas e tão somente tematiza a *mesmidade* da filosofia. As questões mais imediatas de sua época ele sempre as dissimula, transcendendo-as. Na citação acima, Ortega y Gasset fala desta experiência como uma atitude de jovialidade (*jovialmente*) diante da arriscada via-gem, caminho em busca da *mesmidade* da filosofia. O que é fundamental desde esta perspectiva filosófica não são as doutrinas, as filosofias deste ou daquele filósofo, mas a *mesmidade* da filosofia *tematizada*, e-videnciada, visual-izada neste ou naquele filósofo. O que está em questão num curso de filosofia não é tanto um conhecer *sobre* Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Descartes, Espinoza, Bergson, Kierkegaard, Karl Jaspers, Heidegger, Paul Ricoeur etc etc, mas é o exercício do saborear o sabor do saber *da* filosofia, quer dizer, atingir a tonalidade da *mesmidade* da filosofia nas múltiplas tonalidades das filosofias. Quem estuda a filosofia com outros interesses que não a filosofia nela mesma, não suportará estudar filosofia. Por isso, afirma Ortega y Gasset: “é uma arriscada viagem”. O per-fazer desta experiência, realizando esta arriscada via-gem é ser tomado e afetado (*páthos*), melhor, deixar-se ser tomado e afetado pela necessidade de acolher a doação do Ser na experiência da gênese (*arché*) do fazer-se real da realidade. Isto é a *mesmidade* da filosofia, o *mesmo* que toda filosofia busca! Isto é a jovialidade (*arché*) do pensar filosófico, sua perene natividade! Os outros saberes são sempre epigonais, tardios, jamais contemporâneos, mas sempre caducos em relação à *mesmidade* que busca a filosofia.

É preciso melhorar a formulação, escrito acima, de que toda obra de filosofia é gestada numa “atemporalidade” e “ahistoricidade”. Isto só testemunha que o registro de uma obra de filosofia não é do âmbito das Ciências, por exemplo, da Sociologia ou Ciência Política, mas está a serviço de tematizar o *mesmo*¹⁴. Neste sentido a

¹³ JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. 4ª ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Guimarães Editores, 1976, p. 147-148, grifos nosso.

¹⁴ Certamente - continuando a exemplificação - a questão da educação, da formação enquanto *paideia*, ou *Bildung*, assim como a *comunicação* ou *transmissibilidade* da filosofia, são temas caros para a filosofia de modo que todos os filósofos, explícita ou implicitamente, tematizam em suas obras. Mas os filósofos tematizam essas questões na exigência do saber filosófico, quer dizer, na *linguagem* da Filosofia. Isto significa que o modo ou forma como um filósofo trata ou tematiza essas questões não é na forma como as Ciências da Educação (Pedagogia, Educação, Didática, Metodologia do Ensino etc.) tratam ou tematizam. Resguardando estas especificidades, próprias de cada área ou saber, é então (e só então!) que pode se instaurar um rico diálogo entre a Filosofia e as Ciências da Educação. Dissolvendo, porém, essa *distinção* entre as Ciências da Educação que, como toda Ciência, movimentam-se na dimensão ôntica da realidade, e a Filosofia que, por outro lado, procura pensar desde e em vista da dimensão ontológica, então, na perspectiva do interesse ou perspectiva da Filosofia a reflexão torna-se uma extrapolação por tornar caduco a *mesmidade* da filosofia ao tratar da educação ou formação. Não é em virtude deste esquecimento, ou não diferenciação entre Ciências (da

área/disciplina de Filosofia Política não se reduz à área/disciplina de Ciência Política! Evidentemente que não se quer afirmar que uma obra filosófica é fora de seu tempo, alienada de sua época. “Ahistórica” e “atemporal”, *entre aspas*, aqui, querem despertar o leitor (a), chacoalhá-lo (a) existencialmente dispondo-o (a) para uma expectativa atenta à obviedade do modo de ser de uma obra de filosofia e, portanto, de um curso, de uma aula de filosofia. A historicidade, então, neste sentido, é fundamental para todo filósofo situado num tempo e época com específicas agendas culturais próprias. O filósofo, pois, responde ou corresponde, através de suas obras, aos problemas de seu tempo, de sua época, mas não faz ao modo do tempo, da época, do público. Uma obra de filosofia, portanto, está encarnada na história e possibilita uma temporalização e historicização apropriativa ao leitor apontando para novas possibilidades de transformação da própria história, e, assim, criando as condições do advento de uma nova época. Mas esta tomada de posição, por assim dizer, na história, no tempo, na época, é realizada na linguagem da filosofia. “Bergson chegou a dizer que se Spinoza tivesse nascido em outra época, não teria escrito uma só linha daquilo que escreveu, e no entanto teria havido um spinozismo idêntico àquele que conhecemos”¹⁵. A linguagem da filosofia não é linguagem de jornalismo, ou do novo fenômeno de nossa época, de nosso tempo: “professor de filosofia-youtubers”. O filósofo fala na linguagem de *arché*, da busca da tematização da *mesmidade*, não da linguagem do hoje, do senso comum, do cotidiano, do público. Por isto que existe uma *mesmidade* em todo filósofo que seja de fato e de direito filósofo. Espinoza (ou qualquer filósofo da Tradição) se tivesse nascido em outra época, em outro tempo, receberia evidentemente a influência do tempo, da época e, por essa razão, seu estilo de escrita, as questões que se ocupou, os livros que escreveu, certamente seriam com outra particularidade. Entretanto - e isto é o decisivo em filosofia! - a *questão* filosófica, a *mesmidade* da filosofia não se modificaria e, mesmo em outra tonalidade, seria apresentada da *mesma forma* e na linguagem universal, de *arché*.

A obra filosófica dá, de início, forma à questão de que procede; ora, a forma universal da questão é o problema. O filósofo exprime propondo de modo universal [linguagem da filosofia], em forma de problema, a dificuldade que lhe é própria e que o constitui. Exprime dando forma. Vê-se ao mesmo tempo quão difícil é encontrar uma relação direta entre uma filosofia e um ambiente econômico, social e político; *é preciso, dizíamos, reencontrar essa situação na própria obra, mas é típico da obra filosófica a transposição de todos esses problemas muito singulares, vividos pelo filósofo, numa questão universal. Chega-se a dizer que a obra filosófica dissimula sua situação social e política. Apenas dissimular não quer absolutamente dizer mentir. Tal dissimulação só seria falsidade se justamente pretendesse enunciar sua situação. Ela “dissimula”, por não querer dizer em que época nasceu, qual o meio social que exprime; o que quer dizer é outra coisa.* Sua pergunta é: que é real? que é a *physis*? que é uma ideia? que é a transcendência? *Nisso a filosofia emudece a respeito de sua situação, e é o mutismo do filósofo sobre sua própria situação de classe ou outra - que constitui o desinteresse de sua questão. É porque sua situação foi como que transmutada em questão desinteressada, que sua questão lhe dissimula a situação. Ela dissimula por ultrapassar, por transcender.* Por conseqüência, é sempre de maneira indireta que se pode estabelecer a relação que vincula uma

Educação) e Filosofia que normalmente se pensa, opina e julga, equivocadamente, numa extrapolação, a questão da formação do Licenciando em Filosofia?

¹⁵ RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Tradução de F. A. Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968, p. 53. Sobre esta questão do testemunho da *mesmidade* da filosofia podemos constatar em todos os filósofos. Muito edificante e salutar trazer como ilustração esse testemunho do filósofo e médico psiquiatra, Karl Jaspers: “Passando em revista toda minha evolução espiritual, percebo algo que desde minha infância permaneceu idêntico. A tessitura básica de minha juventude esclareceu-se ao largo dos anos, enriqueceu-se com o material do saber universal, mas em nenhum momento houve mudança de postura, ruptura, nem crise e renascimento. [...] Nenhuma catástrofe pode afetar ou transformar o mais íntimo, entretanto, trouxe, em meio de comoções, renovada superação e novos exemplos clarificadores do já existente” (JASPERS, Karl. *Autobiografía filosófica*. Traducción de Pablo Simon. Buenos Aires: Editorial Sur, 1964, p. 97).

obra filosófica à sua época, de vez que *essa relação só pode ser procurada na própria obra, e que a obra mais perfeita é a que mais dissimula*¹⁶.

O problema que decorre disto é quando o estudo ou magistério da filosofia não é tomado e afetado pelo modo de ser da obra filosófica, pelo espírito do filosofar do filósofo e, então, possuído por um espírito estranho ao modo de ser filosófico investe e se empenha em reconstruir o ambiente, a política, o social, enfim, o contexto da obra, do filósofo, mas na questão mesma da filosofia, *na obra*, não a-pro-funda e, às vezes, nem sequer superficialmente visualiza. O filósofo, numa obra de filosofia, emudece essas questões, digamos, periféricas, para poder dar voz e mesmo gritar, nas entrelinhas, acerca da *mesmidade* da filosofia. O filósofo-jornalista, ou filósofo-youtubers, porém, não tem olhos para ver, ou ouvidos para ouvir ou auscultar o *mesmo (Selbe)*, então escreve, narra, ocupa-se em tagarelar ou palrear com “essa sabedoria peculiar de papagaio”¹⁷ sobre o que o filósofo emudece, a saber, palreia historiografia. O filósofo-jornalista, ou filósofo-youtubers sofre sempre, portanto, de *ametropia intelectual* só “vendo” a filosofia ou a história da filosofia como fato cultural, história das ideias.

Esta transcendência, ou dissimulação, de que fala Ricoeur, enquanto elemento da filosofia, gestado numa obra de filosofia, é o testemunho ou testamento da apreensão da verdade do real no registro de *arché*, na linguagem da filosofia. Uma obra de filosofia precisamente por ser “atemporal” e “ahistórica”, no sentido acima explicado, é que faz com que ela esteja pejada, prenha, buchuda da verdade do real na espera esperada para que venha à luz, historicizando-se. Vir à luz significa: clarificar a experiência e, assim, conduzir a minha experiência à luz, quer dizer, à verdade. Estudar/lecionar filosofia é cuidar disto, vigiar sobre isto, zelar por isto. “O zelo por tua casa me devorará” (Jo 2,17). Estudar/lecionar filosofia é fazer a experiência do partejar da verdade do real, quer dizer, da explicitação da gênese da experiência numa obra ou aula de filosofia. Este partejar se dá mediante a meditação ou apropriação do texto de filosofia atentos à Vida da vida, ao Espírito da letra. Estudar/lecionar filosofia significa o exercício de penetrar no elemento da filosofia, na *mesmidade* da filosofia, e permanecer na luta e labuta da tematização do *mesmo* seja qual for o filósofo estudado, ou obra analisada. Assim o estudar/lecionar filosofia, na forma filosófica, privilegia e dá uma primazia à filosofia nela mesma e não aos filósofos no sentido de doutrinas, escolas ou correntes filosóficas. Os filósofos, os sistemas filosóficos, só existem como tentativas de dizerem melhor sobre a verdade do real, sobre a *mesmidade* da filosofia, na linguagem de *arché*. Estudar/lecionar filosofia na forma filosófica é entrar no movimento criativo da própria obra, acompanhando as contrações do filosofar do filósofo e na insistência e persistência do enfrentar as dificuldades e obscuridades da obra filosófica, as dores do parto, então, de repente, abruptamente, a verdade vem à luz, historiciza-se, e, assim, resplandece e transfigura-nos. A Vida filosófica quando não abortada pelo procedimento erudito, nasce em meio ao suor e lágrimas da meditação e apropriação do conceito. Estudar/lecionar filosofia não é como estudar/lecionar uma disciplina científica, pois aquele (a) que estuda/lecciona filosofia *filosoficamente* está sempre implicado naquilo que estuda/lecciona. Sobre a especificidade do saber filosófico frente a outros saberes, Platão já explicava e alertava:

Sei que alguns outros escreveram sobre essas mesmas coisas [filosofia], mas esses não sabem nem de si mesmos. Eis o que tenho a explicar acerca de todos que escreveram e hão de escrever, quantos dizem saber acerca daquilo de que me ocupo [filosofia], tanto os que me ouviram a mim, como a outro, como ainda os que encontraram por si. *Não é possível, na minha opinião, que tenham compreendido nada do assunto. [...] Pois, de modo algum se pode falar disso [da filosofia], como de outras disciplinas, mas, depois de muitas tentativas, com a*

¹⁶ RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Tradução de F. A. Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968, p. 75, grifos nosso.

¹⁷ KIERKEGAARD, Søren. *La enfermedad mortal: una exposición Cristiano-psicológica para edificar y despertar*. Traducción de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Trotta, 2008, p. 63, tradução nossa.

*convivência gerada pela intimidade, como um relâmpago brota uma luz que nasce na alma e se alimenta a si própria [...]'*¹⁸.

Na época de Platão também existiam os “gurus”, os “sábios”, os eruditos designados de sofistas, mas, na verdade, do ponto de vista filosófico, eram falsos sábios. Mas eles, antes e agora, não conseguem tematizar a *mesmidade* da filosofia. Não conseguem asceticamente permanecer no *mesmo* para ascender à verdade do real, ascender à visão ou à ausculta da gênese do real realizando-se nas múltiplas concreções da realidade, pois tratam a filosofia como as outras disciplinas, quer dizer, tratam a filosofia na forma das ciências.

Conhecer em francês se diz eloquentemente, *connaître*. Con-naître fala de um co-nascer, de um nascer junto. Estudar/lecionar filosofia como sendo essa experiência de partejamento do real em suas realizações ou concreções, entranhada, prenhada, retratada numa obra de filosofia, significa e exige no que estuda/leciona essa experiência de *connaître* por ser um nascer junto com aquilo que pesquisa, com a coisa mesma (*der Sache selbst*), a saber, a *mesmidade* da filosofia. O *connaître* filosófico e seu magistério é um conduzir o outro à permanente *experiência da natividade do pensar* através das contrações do filosofar, do desconforto e angústias da parturiente até à clareza da concepção, quer dizer, do conceito. Mais radicalmente: a filosofia só surge, só acontece, só ganha corpo historicizando-se, quer dizer, conquistando densidade naquele (a) que, após a fecundação, insistir e persistir em acompanhar pacientemente o partejar do conceito, do *mesmo*, meditando, apropriando-se e, assim, este renasce, co-nasce com a filosofia.

Não é para dizer isto que, por exemplo, Platão, no Livro VII de sua *Politéia*, na chamada *Alegoria da Caverna*, descreve este movimento de libertação na articulação de filosofia e liberdade? Os objetos, o mundo continuam sendo o que sempre foi e é, mas o olhar do liberto, do filósofo, após a libertação, por assim dizer, sem catarata, está banhado da luz da verdade e, em virtude disso, pode, agora, ver o mundo, os objetos, com outros olhos, quer dizer, consegue vê-los pelo que de fato e em verdade são. Os objetos do mundo não mudaram, o olhar do filósofo sim! Para dizer deste *mesmo* movimento de desvelamento do real em suas realizações, Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção* escreve sobre a filosofia: “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”¹⁹. Na linguagem de Heidegger: “É por isso que os pensadores essenciais dizem sempre o *mesmo*. Mas isso não significa: o igual [Darum sagen die wesentlichen Denker stets das *Selbe*. Das heißt aber nicht: das Gleiche]”²⁰. Isto significa que o *mesmo*, caçado pelos filósofos, é o elemento da filosofia que confere unidade a todas as formas de filosofias quando verdadeiras. O protagonista da História da Filosofia não são as doutrinas, os sistemas dos pensadores, mas, antes, mais radicalmente, é o Ser que se destina no pensar e que os pensadores trazem à linguagem, através das obras de filosofia, forjando assim a História da Filosofia como História da verdade do Ser. Por isso que cada filosofia não é igual, mas todas têm sua validade e legitimidade. Porém, isto só pelo fato de que todas, em suas multiplicidades de formas, possuem a *mesmidade* da filosofia, estão no elemento da filosofia. Um educador-filósofo em que, em seus textos (em suas aulas), não visa o *mesmo*, em que não tematiza, ou nem mesmo acena para isto, que todo filósofo da Tradição persegue, não é um filósofo-educador, muito embora possa ser um grande e respeitadíssimo intelectual, cientista, literato, professor etc. Um educador-filósofo não é um filósofo-educador! É justo este fato, a saber, o *mesmo* (*Selbe*), que possibilita o diálogo com a História da Filosofia. Um

¹⁸ PLATÃO. *Carta VII*. Tradução de José Trindade Santos, e Juvino Maia Jr. Introdução de Terence H. Irwin. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008, p. 89, grifos nosso, 341 b-c.

¹⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 19.

²⁰ HEIDEGGER, Martin. “Carta sobre o humanismo”. In: *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini, e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008a, p. 375, grifo nosso. No original: HEIDEGGER, Martin. “Brief über den ‘Humanismus’”. In: *Wegmarken*, GA 9, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1976, p. 193, grifo nosso.

dialogar que se dá no estudar/lecionar filosofia na habilidade de procurar ou conduzir para ver naquilo que está escrito a *mesmidade* da filosofia, testemunhado por toda obra filosófica e que todo verdadeiro filósofo está a serviço. Fora desta experiência existencial não há *connaître* ou saber filosófico, mas erudição filosófica. Fora desta experiência não há Vida filosófica, mas vida erudita.

Johannes Climacus/Kierkegaard admoesta sobre três formas de abordar a questão filosófica que *des-viam* por não adentrar de fato no problema, na *mesmidade*, muito embora, como sempre e em todos os tempos, gozem de muita autoridade e seduzem com muita tentação:

A introdução científica *distrai* com sua erudição, e a aparência que surge é a de que o problema esteja formulado no momento em que o douto pesquisador atingiu o seu máximo, i. é, *como se o esforço crítico e erudito rumo à completude fosse a mesma coisa que o esforço rumo ao problema*; o discurso retórico *distrai* por intimidar o dialético; a tendência sistemática promete tudo e não cumpre absolutamente nada. Desse modo, *o problema não se apresenta por nenhum desses três caminhos [...]*²¹.

Erudição filosófica fala de um vasto conhecimento, uma gula intelectual por muitos autores e escolas, mas que não perfaz o movimento do *connaître filosófico* que implicaria em conduzir para os momentos obscuros da gestação, das dores do parto e da alegria misteriosa da natividade. Isto o erudito solapa quando estuda/leciona. Ele se move no caminho das certezas e seguranças da metodologia, da ciência. Por isso busca muitos autores e escolas dando sempre respostas prontas, fórmulas acabadas para resolver os diversos problemas sem meditar sobre a questão, ou conduzir o outro à meditação. O pressuposto deste procedimento, tornando-o possível, é se posicionar, ao modo das Ciências, na Filosofia, como possuindo a verdade absoluta sobre a realidade. De modo que descreve em termos de fórmulas acabadas, resultados, a perspectiva das escolas, já assumindo uma escola como sendo a única verdadeira. Jamais em seu estudar/lecionar faz pausas meditativas, porque não medita, mas, ao contrário, não para de discursar, de palrear, de falar-metralhando o ouvinte com argumentos que prevalecem sobre a única questão de que se ocupam os filósofos. Os argumentos, a retórica, a erudição prevalecem sobre a *mesmidade* da filosofia. O sofista, ou erudito na filosofia, não saboreia como as questões são postas pelos filósofos numa determinada obra, mas apenas informam a resposta, a solução que determinado filósofo deu ao problema. O erudito na filosofia é um sofista! O verdadeiro filósofo, como Sócrates, tem algo de enigmático, de ignorante, sob o ponto de vista historiográfico, porque está a serviço apenas da coisa mesma, da coisa pensada pelo pensador, da *mesmidade* da filosofia. O sofista, o erudito na filosofia, solapa, atropela isto, porque se ocupa em narrar, relatar o que outros disseram, sem fazer ele mesmo esse caminho que descreve. Justo por não se sentir compelido a per-fazer o mesmo caminho per-feito, ou percorrido pelos filósofos, através dos textos, então seu magistério é um blábláblá, um tagarelar, um palrear em que em cada aula apresenta “respostas” das escolas e autores. O sofista, ou erudito na filosofia, é um historiador, não é um filósofo. Ele não é movido pela coisa mesma da filosofia, a coisa do pensar, mas tagarela ou palreia sobre muitas coisas do pensar sem tocar na *mesmidade* da filosofia. Por causa disto, em virtude de sua *ametropia intelectual*, não consegue ver, e, portanto, não é movido em seu fazer filosófico pelo *mesmo*, caçado pelos filósofos. Por conseguinte, em sua estulta sabedoria, não reconhece o fundamental na filosofia por possuir um espírito estranho à questão da *mesmidade*.

²¹ KIERKEGAARD, Søren. *Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus*. Vol. 1. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 20, grifos nosso.

O pressuposto do procedimento do erudito revela uma não compreensão essencial da filosofia. Claro que ele tem conhecimentos historiográficos sobre filosofia. Aliás, é exatamente por causa destes conhecimentos que ele se sobressai. Mas isto não garante o *connaître filosófico*. Na maioria das vezes arranca inclusive muitos “Ó, ó, ó, ó” de muitos a-lunos e até de muitos do(c)entes. Mas jamais de um socrático que está enraizado com profundidade na coisa mesma da filosofia! Certamente um socrático espontaneamente exclamaria interpelando: “Ahn!?”, “Oxente!”, “Quê!?”. Traduzindo, esta linguagem nordestina, numa forma mais precisa para o grego da filosofia: “*ti estin* – que é isto?”. Fico imaginando a figura mal vestida e feia de Sócrates diante do esbanjar de erudição de um elegante e refinado sofista: se ele não pode interromper o discurso para pôr em movimento sua dialética, certamente aplaude e sorrir com um entusiasmo irônico. Talvez até fale, enquanto sorrir e aplaude: “Conhece muito, mas sabe pouco!” – para lembrar Frei Hermógenes Harada, da estirpe socrática ou filosófica, um samurai franciscano, dotado do espírito filosófico, quer dizer, de caçador da *mesmidade* da filosofia.

O que escapa de conhecimento essencial da filosofia a um erudito é a experiência do filosofar. Filosofar não como mero pensar, mas como o perseguir o pensar a coisa pensada pelo pensamento filosófico, caçando sempre o *mesmo* (a questão do Ser) em meio às *trilhas filosóficas* que se encobrem na floresta fechada de um sistema filosófico. O erudito, por não filosofar no sentido filosófico, desenvolve a “arte da memória” - como menciona Sócrates sobre Hípias, um sofista, no diálogo do *Hípias Maior* de Platão - sabe relatar todos os conceitos, livros, datas, escolas, perspectivas etc. Todo conhecimento horizontal, cultural, todo -ismo ele domina e predomina em sua fala. Erudito adora -ismo! Mas na questão mesma, na *mesmidade* da filosofia, enquanto questão fundamental da filosofia, ele não só não a tematiza, como nem sente incômodo ou constrangimento por não o fazer! Um erudito é um historiador da filosofia no sentido radical de historiógrafo. Um erudito sobressai-se sendo um historiógrafo, pois jamais é histórico²²! Como não compreende algo a partir da coisa ela mesma (*ti estin*) ele sempre tende a enquadrar algo num -ismo: existencialismo, idealismo, realismo, vitalismo etc., etc. Na verdade, um erudito não consegue explicar algo sem fazer referência a um -ismo, ou escola, ou corrente de pensamento etc. Isto porque na verdade ele não compreende a compreensão *da* coisa em causa a partir dela mesma, de sua essência ou de sua coisalidade, mas a partir do que disseram *sobre* ela as escolas, correntes etc. Os que “disseram sobre ela” talvez tenham falado a partir da experiência do filosofar, mas os eruditos roubam isto sem perfazerem a mesma experiência. E, assim, eles desviam seus olhos da dinâmica do real em suas realizações, em suas concreções para visualizar o olhar dos outros consolidados e petrificados medusamente num -ismo: idealismo, realismo, existencialismo, positivismo, marxismo, neo-positivismo, etc., etc.

A filosofia só acontece, só se concretiza a partir e na experiência do filosofar desde e à pro-cura do *mesmo*. Os conceitos, definições, esquemas já são consequências, resultados deste movimento do partejar da verdade do real, quer dizer, da dinâmica do real em suas realizações ou concreções. Retirar, roubar estas definições e oferecer como

²² Em toda a reflexão deste artigo nos movemos no espírito heideggeriano, portanto adotamos a diferenciação que o filósofo alemão faz da História como *Historie* e *Geschichte*. Com o primeiro termo, *Historie* a história é compreendida como historiografia ou historiologia. Neste âmbito de compreensão a história (*Historie*) é tomada *mais como passado* numa tentativa irreal de inserção na história pressupondo a possibilidade de reconstrução dos fatos históricos. Por outro lado, como contraposição a este campo interpretativo da história enquanto historiografia ou historiologia (*Historie*), Heidegger trabalha ou forja a ideia de história como *histórico* (*Geschichte*). A compreensão de história como histórico (*Geschichte*) está mais vinculada com a ideia do *porvir*, e não com o passado historiográfico, possibilitando, assim, um lançar-se no movimento interior do acontecimento histórico exigindo a de-cisão ou apropriação pelo destinar-se do que se destina na história do Ser. Entrar neste movimento histórico, auscultando a voz do Ser verbalizada nas obras dos filósofos enquanto *mesmidade* da filosofia é o que aqui estamos tematizando como estudar/lecionar filosofia filosoficamente. É justo isto que significa qualificar existencialmente uma vida vivida como Vida filosófica, enquanto estudante ou professor de filosofia, por caçar sempre o *mesmo* que todo filósofo busca. É isto mesmo que implica a imbricação de filosofia e liberdade!

fórmulas, ou respostas prontas e acabadas como soluções de determinados problemas, ou como visão panorâmica de um filósofo, ou uma época filosófica isto implica num procedimento abortivo da filosofia por matar a experiência do filosofar esvaziando de sentido os conceitos.

A filosofia por ser gênese de gênese e, assim, as obras de filosofia serem “atemporais” e “ahistóricas”, como explicado acima, então, estudar/lecionar filosofia, não necessita essencialmente dos dados historiográficos sobre o autor ou época em que se enquadra o filósofo que se estudará. Este conhecimento pode ser importante, mas o essencial, o decisivo é compreender a compreensão do *compreender do filósofo* acerca do mesmo (*Selbe*), da *mesmidade* da filosofia, para fazer o mesmo movimento, percorrer o mesmo percurso descrito na obra em que o filósofo luta para conquistar a explicitação da verdade do real. Isto exige tempo e paciência. Participar desta experiência do filosofar, partilhando a verdade do real na linguagem de *arché*, enquanto tratamento ou abordagem dada pelo filósofo, engendra a filosofia, e, então, acontece, surge o *connaître* ou saber filosófico. Só assim se estuda/leciona filosofia *filosoficamente*. Só assim se vive a Vida filosófica!

Num curso de Filosofia, no Ensino Superior, jamais se deveria tratar de forma panorâmica um filósofo, ou corrente de pensamento, ou uma época da filosofia. Esta é a forma não-filosófica, erudita, sofisticada, de estudar/lecionar filosofia. Como tratar a cada aula, ou duas aulas de um filósofo diferente? Significa que as aulas não seguem a forma filosófica de tratar de uma questão filosófica, tal como expressa nas obras de filosofia pelos próprios filósofos. Significa que o curso, ou aula, não segue o per-curso de caçar a *mesmidade* da filosofia *no* filosofar *deste* filósofo, *nesta* obra, para aprender com o filósofo estudado a tematizar o *mesmo*, porque limita-se a informar as ideias, os esquemas e definições como fórmulas. Se em uma aula se fala de um filósofo e, na seguinte, ou posterior, de outro, significa que não existe neste procedimento a experiência do filosofar, mas pura transmissão de dados, de informações, de esquemas, talvez até com balõezinhos e setinhas, inclusive com técnicas de memorização, que têm a pretensão de sintetizar e fixar a filosofia do filósofo (?!). O data-show deve ser ótimo para isto! Aliás, a palavra diz a coisa: data-show, quer dizer, show de dados. É o império e *dicta-dura* dos *datas*! Em uma ou duas aulas, na *hybris* pretenciosa, de ensinar muitos filósofos, o aluno de fato aprende a filosofia de cada filósofo “estudado” no espaço temporal de uma, ou duas aulas?!

Na verdade, o a-luno (a) não aprende a pensar o pensamento pensado pelo pensador, o filosofar do filósofo, assim como não aprende a escrever filosoficamente, quer dizer, não escreve na tentativa de partilhar o movimento do real em suas realizações e-videncia-ndo como este ou aquele filósofo tematizou a *mesmidade* da filosofia. Mas escreve tal como aprendeu: escreve resumindo ideias, descrevendo-repetindo, seguindo-imitando um *Sumário* de livro de *História da Filosofia* catalogando dados, topicalizando definições. Mas nisto que resume, ou descreve-repete, nem sequer aparece o esforço, ou preocupação de tematizar o *mesmo* que todo filósofo caça ou persegue. Isto nem sequer é visto e, muitas vezes, nem aparece mesmo, porque se detém ao esquema, à síntese, sempre geral e vaga, justo porque articula muitas informações, por mais que dê a sensação de facilitadora de compreensão do autor, encobre a questão fundamental da filosofia. Ao não entrar na questão fundamental da filosofia, em sua *mesmidade*, vagueia na periferia do filosofar do filósofo e, então, a filosofia é abortada, matando a Vida filosófica. O aluno adestrado neste modo sofisticado, historiográfico, erudito de estudar filosofia, estranha quando em uma disciplina, num curso superior de filosofia, as aulas seguem a meditação vagarosa e lenta de um fragmento de uma obra de filosofia. Ele, o aluno adestrado na forma não-filosófica, julga que não aprenderá filosofia porque ao invés de “aprender” quatro ou cinco autores num semestre, como a forma erudita ou sofisticada “realiza”, está apenas estudando um autor e apenas numa determinada obra ou fragmento, enfrentando, assim, muitas dificuldades no texto, causando-lhe um desconforto intelectual e, então, fica impaciente para se deparar logo com a “solução” dada pelo filósofo. Mas se abirmos um diálogo de Platão, a *Crítica da razão pura* de

Kant, a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, uma obra de Nietzsche, Schopenhauer, Kierkegaard, Bergson, Heidegger etc., iremos nos deparar com a *forma erudita*, historiográfica, sofisticada, ou com a *forma filosófica* que medita a questão e, na maioria das vezes, as questões historiográficas, contextuais, nem sequer são mencionadas no texto, na obra do filósofo? Já ouvimos, aqui, em páginas acima, o que muitos desses filósofos falam sobre isto. Prefiro, portanto, confiar no que os clássicos da filosofia dizem sobre o essencial do estudar/lecionar filosofia do que acreditar nos filósofos-jornalistas, ou filósofos-youtubers, ou no que “gurus-filósofos” dizem sobre esta questão.

Henri Bergson revela que em sua experiência profissional, como professor de História da Filosofia, pôde exercitar o filosofar, a filosofia em *dois* (!!!) grandes filósofos:

Permitam-me escolher um exemplo. Vou recorrer às suas lembranças profissionais: irei evocar, se vocês me permitirem, algumas das minhas. Professor no Collège de France, consagro um de meus dois cursos, todos os anos, à história da filosofia. Foi assim que pude, *durante vários anos consecutivos, praticar longamente em Berkeley, depois em Espinoza*, a experiência que acabo de descrever [a de que todo filósofo só diz uma única coisa em tudo que escreve ou diz; vê um único ponto e passa o resto da vida, em suas obras, tentando dizer isto sem, porém, conseguir esgotar a explicação]²³.

Isto demonstra que Bergson não fazia uma *salada de doutrinas filosóficas e diversos autores* ao ministrar a disciplina de História da Filosofia, mas caçava a *mesmidade* da filosofia procurando introduzir seus alunos e leitores nisto. A *salada* que a historiografia prepara para os alunos de História da Filosofia não alimenta, mas, antes, provoca azia, pois não condiz e conduz à filosofia. Afirma, categoricamente, Heidegger: “Ao contrário: a posse de conhecimentos *sobre* filosofia é a principal causa da ilusão de que com isso estaríamos alcançando o filosofar”²⁴. Aparenta, justamente por causa dos dados, da reconstrução do ambiente, das influências filosóficas etc, conduzir para a filosofia, mas justo tudo isto é uma experiência de afastar ainda mais da *mesmidade* da filosofia quando em todo estes procedimentos não tem a *mesmidade* como alvo. A periculosidade destes procedimentos é incutir uma falsa segurança de que se possui o saber filosófico quando, na verdade, ainda não se deu conta e nem sequer despertou para a necessidade de se dispor à apropriação da *mesmidade* da filosofia.

Assim, com filósofos já antigos ou mesmos, se não se quer se voltar muito atrás, *com Descartes e com Hobbes, aos quais podemos acrescentar Locke, teremos os elementos necessários para a reconstrução exterior da filosofia de Berkeley*; no máximo lhe será deixada sua teoria da visão, que seria então sua obra própria e cuja originalidade, respigando sobre todo o resto, daria ao conjunto da doutrina seu aspecto original. Tomemos então essas fatias de filosofia antiga e moderna, ponhamo-la na mesma vasilha, acrescentemos, à guisa de vinagre e de óleo, uma certa impaciência agressiva para com o dogmatismo matemático e o desejo, natural num bispo filósofo, de reconciliar a razão com a fé, misturemos e mexamos conscienciosamente, salpiquemos no todo, como se fossem ervas finas, um certo número de aforismos colhidos nos neoplatônicos: *teremos – com o perdão da expressão – uma salada que se assemelhará suficientemente, de longe, àquilo que Berkeley fez. Pois bem, aquele que assim procedesse seria incapaz de penetrar no pensamento de Berkeley.* [...] A relação entre uma filosofia e as filosofias anteriores e contemporâneas não é, portanto, aquilo que uma certa concepção da história dos sistemas nos levaria a supor. O filósofo não toma as

²³ BERGSON, Henri. ‘A intuição filosófica’. In: *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Tradução de Bento Prado Neto. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 129, grifos nossos.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008b, p. 5.

ideias preexistentes para fundi-las numa síntese superior ou combiná-las com uma ideia nova²⁵.

O professor de filosofia compreendendo a filosofia como fato cultural, como história das ideias, ao lecionar sobre Berkeley, não proporcionará o filosofar do filósofo através da meditação da obra do próprio Berkeley. Nesta forma não-filosófica, o professor, ou estudante, pensa, ou acredita, que, para poder compreender um filósofo, por exemplo Berkeley, é preciso antes “estudar/lecionar” sobre suas influências e antecessores. Sem isto seria impossível compreender o filósofo e, no caso, o bispo filósofo! Então, ao invés de entrar na obra do bispo filósofo, na meditação da tematização do *mesmo*, quer dizer, como Berkeley explica a *mesmidade* da filosofia em sua obra, o professor-erudito, o professor-jornalista, o *Dr. Frankenstein*, vai se ocupar em dar, soltar, jogar informações, definições, sínteses de Descartes, Hobbes e Locke para assim, nesta *hybris*, “dar vida” a Berkeley, ou “ressuscitá-lo”. Procedendo assim, conforme citação acima, sentencia Bergson e qualquer filósofo que de fato e de direito seja filósofo: “teremos – com o perdão da expressão – *uma salada* que se assemelhará suficientemente, de longe, àquilo que Berkeley fez. Pois bem, *aquele que assim procedesse seria incapaz de penetrar no pensamento de Berkeley*”²⁶. Por este caminho, jornalístico, historiográfico, reconstituindo exteriormente autores e escolas, não somos conduzidos e levados a compreender o pensamento de um filósofo.

Todo filósofo começa de novo, por assim dizer, a filosofia. Em suas obras, ao explicitar a gênese da experiência, ele o faz num enriquecedor diálogo com a Tradição. Este diálogo é filosófico porque ele confronta o que ele está pensando e escrevendo com o que a Tradição explicou e pensou. Mais ainda: caça a *mesmidade* da filosofia enquanto o impensado no pensado pela Tradição! Todo filósofo sempre trata da mesma questão ainda que num estilo, linguagem, perspectiva toda própria e mesmo única. Neste diálogo crítico, sempre partindo da Tradição, mas também reavaliando criticamente o que ela legou, o filósofo com sua filosofia e seus conceitos trazem sempre algo novo que faz progredir a Tradição. Este algo novo, na verdade é velho, antiquíssimo porque é do âmbito de *arché*, mas é atualizado numa forma inovadora e criativa pelo filósofo. E esta forma nova, através de seus conceitos, é reconhecida por outros grandes filósofos da Tradição. Os grandes filósofos não são apenas intérpretes, comentadores, estudiosos, professores, ainda que renomados e famosos. Professor sistematiza os filósofos, a filosofia, explicando como este ou aquele no movimento do filosofar fez filosofia. Mas filósofo é aquele que criou conceitos e, através do conceito, modificou um modo de compreender a verdade do real e, justo por isso, outros grandes filósofos (novamente não falo de estudiosos, comentadores, intérpretes) reconhecem que depois deste ou daquele filósofo, a filosofia, por assim dizer, sofreu uma modificação histórica. É com esses “criadores de novos valores”, como Nietzsche se expressaria, que devemos investir um estudo sério na filosofia, numa monografia, dissertação ou tese de doutorado, e não nos sistematizadores dos que criaram novos valores. Os sistematizadores ou professores devemos utilizá-los em doses pediátricas e muito esparsamente para não corromper o espírito criador em nós. A utilidade deles é apenas de nortear um caminho, se é que de fato e de direito são professores de filosofia e não apenas historiadores, intelectuais, homens cultos, um *Dr. Frankenstein na filosofia*. Mas se de fato e de direito se ocupam *apenas e tão somente* em estudar/lecionar sobre a tematização do *mesmo*, então são professores de filosofia, ou filósofos. A questão fundamental em filosofia, portanto, é *co-fazer* este percurso que os filósofos fazem em suas obras na tematização do *mesmo* tornando-se critério acadêmico e razão de ser de uma vida qualificada como Vida

²⁵ BERGSON, Henri. “A intuição filosófica”. In: *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Tradução de Bento Prado Neto. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 132.139, grifos nosso.

²⁶ No original: “nous aurons – passez moi l’expression – une salade que ressemblera suffisamment, de loin, à ce que Berkeley a fait. Eh bien, celui que procéderait ainsi serait incapable de pénétrer dans la pensée de Berkeley”. BERGSON, Henri. “L’intuition philosophique”. In: *La pensée et le mouvant: essais et conférences*. Paris: PUF, 1938, p. 126.

filosófica. Não devemos privilegiar o que outros disseram *sobre* determinado filósofo (historiografia, erudição), mas devemos possibilitar, para nós e para os estudantes, a ocasião de uma ausculta séria e rigorosa *do* próprio filósofo (meditação filosófica, histórica) para aprender com o filosofar do filósofo a pensarmos e escrevermos a partir e em vista da *mesmidade* da filosofia.

III

Encaminhando a conclusão deste artigo trago algumas passagens de um texto de Hannah Arendt escrito em comemoração aos 80 anos de nascimento de Heidegger e 50 anos de atividade pública como professor. A finalidade é dar uma aplicação prática ao que foi tematizado como sendo o *próprio* do saber filosófico. Desta forma, após mostrar ou acenar, através do testemunho de vários filósofos, sobre o *próprio do saber filosófico*, sobre a *mesmidade* da filosofia e, portanto, demarcando o tom do *como* se introduz na filosofia, acompanharemos agora o testemunho de Hannah Arendt sobre o magistério filosófico de Heidegger. Ensinar filosofia *filosoficamente* significa a *transmissibilidade* da *mesmidade* da filosofia! Isto acena para o caminho de pensar a questão do Ensino *Filosófico* de Filosofia, ou *Filosofia* do Ensino de Filosofia. Esse texto de Arendt, a saber, *Martin Heidegger faz oitenta anos*, permite que visualizemos a forma não-filosófica, ou erudita, e a forma filosófica no estudar/lecionar filosofia.

Hannah Arendt chama a atenção de que a publicação de *Ser e tempo* causou um grande impacto no mundo filosófico destacando que poucas obras no século XX alcançaram um êxito e implicações semelhantes. A pensadora da política lembra, porém, ou pontua, que, este fato, foi precedido pela fama conquistada por Heidegger, em toda Alemanha, justamente em virtude de seu magistério iniciado em 1919. Nenhuma publicação,

[...] nenhum texto e apenas notas de cursos, que circulavam de mão em mão; e os cursos tratavam de textos universalmente conhecidos, *sem conter nenhuma doutrina a ser tomada e transmitida*. Não havia senão um nome, mas o nome viajava por toda a Alemanha como a novidade do rei secreto²⁷.

Arendt está recordando os anos anteriores à publicação, em 1927, de *Ser e tempo*. Os anos em que Heidegger começa seu magistério filosófico! O destaque, na citação acima, demonstra que Heidegger não pensa a filosofia como tendo ou apresentando um corpo doutrinário que consistiria na sua filosofia. Ensinar a filosofia de Heidegger, para um erudito ou historiógrafo, implica em enfrentar muitas dificuldades porque não existe uma doutrina fixa, estática, cristalizada. Heidegger conquistou sua fama pela forma como conduzia seus Seminários, seus cursos, suas aulas, e não em virtude de “círculos”, como testemunha Arendt:

Tratava-se de algo totalmente diferente dos “círculos” centrados em torno de um “mestre” e por ele dirigidos (como, por exemplo, o círculo George). Estes, bastante conhecidos do público, dele se ocultavam por trás da aura de um mistério que pretensamente apenas os membros do círculo conheceriam. No caso em questão, não havia mistério nem iniciados. Os alcançados pela novidade [pelo magistério de Heidegger] sem dúvida se conheciam entre si, pois eram todos estudantes; por vezes houve amizade entre eles e mesmo depois assistiu-se, aqui ou ali, à formação de grupos, mas jamais existiu um círculo e nada houve de esotérico²⁸.

²⁷ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 277, grifos nosso.

²⁸ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 277-278.

Essa posição nós constatamos não só na obra de juventude da década de 20, mas até depois da *virada*, da *Kehre*, na década de 30. Heidegger não *substancializa* a filosofia como um corpo doutrinário, mas sempre trabalhou a filosofia como filosofar, como *verbo*, quer dizer, colocando o filosofar em ação, em curso, em movimento, em ato, em exercício. Filosofia enquanto filosofar acontece na ação do pensar a *mesmidade* da filosofia. Filosofia é, pois, uma atividade, um exercício do pensamento e não informações ao modo de verbetes de dicionários de filosofia. Uma aula de filosofia segue, pois, essa forma ou dinâmica de uma obra de filosofia. Um curso de filosofia, suas aulas, não seguem jamais o fluxo de um *sumário* de livro de *História da Filosofia* ou de *Manual de filosofia*. A maioria das obras de Heidegger tem origem de sua lida de professor universitário, no curso de filosofia em Freiburg, ou Marburgo. Nas obras, provenientes dos cursos, assim como nas *Conferências*, nós presenciamos, somos conduzidos para o filosofar do filósofo. Heidegger, em seus textos, nunca nos informa nada diante mão, jamais inicialmente define dogmaticamente a coisa em questão, mas nos leva mediante o pensar para dentro da coisa que está em causa. Hannah Arendt, tendo experimentado esta força do magistério heideggeriano, não só lendo suas obras, mas sendo sua aluna, precisa a forma filosófica do magistério heideggeriano: “Este pensar [o de Heidegger] tem uma qualidade de abertura que lhe é exclusiva e, para apreendê-la e indicá-la em palavras, reside no uso transitivo do verbo ‘pensar’. Heidegger jamais pensa ‘sobre’ alguma coisa; ele pensa alguma coisa”²⁹. Heidegger não escreve, por exemplo, *sobre* Aristóteles, mas pensa *com* Aristóteles o pensado pelo Estagirita e, a partir disto, pensa o desvelamento do impensado no pensado deste pensador. Aprender um filósofo não é saber informações sobre ele ou sobre o que ele escreveu, mas *co-fazer* com ele a mesma experiência de caçar a *mesmidade* da filosofia acompanhando a luta e labuta desta caçada nas diversas *trilhas filosóficas* do texto. Às vezes, é um verdadeiro *caminho de floresta*, *Holzweg!* Sem *co-fazer* esta mesma experiência partejada no filosofar de um filósofo ninguém pode afirmar que conheceu ou apreendeu uma determinada filosofia pelo fato de conhecer algumas definições, dados biográficos, e influências. *Co-fazer* como experiência é o *páthos* do partejamento da natividade da filosofia no filosofar. *Co-fazer* a experiência de pensamento é *co-nascer* com a coisa pensada que está em causa. Isto implica no *connaitre* filosófico enquanto consanguinidade com a coisa pensada.

É natural, portanto, Heidegger ser designado um dos “rebeldes” que na década de 20 do século XX tenha revolucionado a forma de lecionar filosofia nas Universidades alemãs justamente por este modo peculiar de fazer filosofia. Pela *Autobiografia*³⁰ de Karl Jaspers, pelos cursos da década de 20 de Heidegger, constatamos a preocupação dos intelectuais alemães e do jovem Heidegger pela necessidade de uma reforma universitária. Hannah Arendt retrata a defasagem no magistério filosófico nas Universidades alemãs à época, por suas práticas escolares serem reduzidas à erudição filosófica, sem verdadeira substância, desvitalizadas, no “tedio sem fim” das informações-descrições das escolas, correntes de pensamento, autores, e as disciplinas sistemáticas.

Desde a Primeira Guerra Mundial havia nas universidades alemãs certamente não uma revolta, mas uma grande insatisfação na atividade acadêmica docente e discente, espalhando-se por todas as faculdades que fossem algo além de simples escolas profissionais e todos os estudantes para quem o estudo significava mais que uma preparação para seus ofícios. A filosofia não era um ganha-pão; era antes a disciplina dos famintos resolutos e, por isso mesmo, muito exigentes. Não aspiravam absolutamente à sabedoria: quem se interessava pela solução de todos os enigmas tinha à sua disposição um vasto sortimento no mercado das concepções de mundo e respectivos partidos; para fazer sua escolha, não havia nenhuma necessidade de um ensino filosófico. Mas o que eles queriam,

²⁹ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 280.

³⁰ Cf. JASPERS, Karl. *Autobiografia filosófica*. Traducción de Pablo Simon. Buenos Aires: Editorial Sur, 1964.

tampouco o sabiam. A Universidade em geral lhes oferecia as escolas — os neokantianos, os neo-hegelianos, os neoplatônicos etc. — ou a velha disciplina escolar, convenientemente dividida em compartimentos, como a teoria do conhecimento, a estética, a ética, a lógica etc., que não era verdadeiramente transmitida, mas antes esvaziada de sua substância por um tédio sem fim. *Contra essa atividade* em suma confortável e, à sua maneira, também totalmente sólida, havia então, mesmo antes do aparecimento de Heidegger, *um pequeno número de rebeldes*³¹.

Diante de um ensino filosófico defasado, enquanto o blábláblá ou falatório erudito sobre filosofia³², surgem alguns *rebeldes* que modificaram o magistério filosófico e a forma de se fazer filosofia: Husserl, Max Scheler, Karl Jaspers, Heidegger. Em Husserl essa rebeldia, segundo Arendt, era ingênua, mas com Scheler e Heidegger a *rebeldia ganhou corpo e clareza*. Karl Jaspers, provindo de outra tradição, estabeleceu laços de amizade com Heidegger justamente “[...] porque o que havia de rebelde no desígnio de Heidegger lhe interessava como algo radicalmente filosófico em meio ao falatório acadêmico sobre filosofia”³³. Contra o falatório acadêmico sobre filosofia, contra o blábláblá *historiográfico*, surgem, nas duas primeiras décadas do século XX, esses quatro filósofos que forjarão, cada qual a seu modo, uma tradição dentro da Tradição filosófica. O que esses quatro rebeldes tinham em comum? Como na diversidade de formas filosóficas cada um caçava a *mesmidade* da filosofia? Arendt responde sobre o que unificava os *rebeldes* diante das diversas tonalidades do fazer filosófico que cada um concretizava, utilizando uma expressão de Heidegger: “o fato de distinguir ‘entre um objeto de erudição e uma coisa pensada’, e o objeto de erudição lhes era praticamente indiferente”³⁴. Essa distinção é decisiva para a determinação de uma forma filosófica (coisa pensada, Vida filosófica) e uma forma não-filosófica (historiografia, objeto de erudição) na abordagem da filosofia e, por conseguinte, no magistério filosófico.

O que, segundo Arendt, era decisivo no magistério heideggeriano? O que “chocava”, em sua prática filosófica-pedagógica, caracterizada precisamente por isto de

³¹ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 288, grifos nossos.

³² Nesse mesmo período a filosofia nas Universidades brasileiras estão lutando contra o blábláblá, ou seja, contra o que se chamava filosofia na década de 1930 no Brasil: “Anteriormente, o que se chamava de filosofia era aquilo que os teólogos ensinavam nos seminários e o que se ensinava como filosofia do direito nas faculdades de direito” (NOBRE, Marcos; TERRA, Ricardo. *Ensinar filosofia: uma conversa sobre aprender a aprender*. Campinas: Papyrus, 2007, p. 21). Contra a filosofia do blábláblá proveniente dos seminários, dos cursos de direito etc em que predominavam a historiografia, a história das ideias, sempre é mencionado a técnica ou método da *leitura estrutural de texto*, de tradição francesa, desenvolvida no Departamento de Filosofia da USP. De fato, esta forma do magistério filosófico iniciado na USP foi cultivada em outros Departamentos de Filosofia do país dando belos frutos. Assim a filosofia era trabalhada a partir dela mesma e não a partir da teologia, do direito ou outra ciência. Isto consolidou a filosofia no país e também propiciou o surgimento da pós-graduação “[...] no final da década de 1960, começo dos anos 1970” (NOBRE, Marcos; TERRA, Ricardo. *Ensinar filosofia: uma conversa sobre aprender a aprender*. Campinas: Papyrus, 2007, p. 27). Mas, também, penso, é preciso considerar, por exemplo, no sul do país e na UFRJ, sobretudo no espírito heideggeriano, através do magistério filosófico de Gilvan Fogel e Emmanuel Carneiro Leão, a importância que, ainda hoje, marca influência na forma de fazer filosofia no país. O magistério filosófico através da análise de texto, mas não como leitura estrutural na esteira da USP, mas, por exemplo, a análise de texto como *meditação* na sequência do magistério heideggeriano que também foi disseminada em muitos Departamentos de Filosofia, merece ser mencionado, registrado, refletido. Julgo importante também pensar a *Filosofia* do Ensino de Filosofia, ou o Ensino *Filosófico* da Filosofia, a partir da forma do magistério heideggeriano tanto no Ensino Superior de filosofia, quanto no ensino de filosofia no Ensino Médio, por duas razões. A primeira pela força filosófica de sua própria filosofia tornando-o um dos maiores filósofos do século XX. A outra razão que torna este empreendimento justificável para uma pesquisa sobre *Filosofia* do Ensino de Filosofia é o fato de que os principais filósofos contemporâneos foram seus alunos e escreveram testemunhando sobre esta força proveniente do magistério heideggeriano: Karl Löwith, Hannah Arendt, Gadamer, Eugen Fink, Herbert Marcuse etc. Este aspecto do magistério filosófico de Heidegger não deveria ganhar alguma importância na discussão atual no Brasil sobre a *Filosofia* do Ensino de Filosofia?

³³ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 279, grifo da autora.

³⁴ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 279.

“rebelia”, enquanto contrastando com o modo como se fazia à época nos cursos de filosofia? O que de diferente tinha nesta “rebelia”, em sua prática filosófica-pedagógica, tornando-a claramente positiva e vitalizando o Ensino *Filosófico* de Filosofia? Contra a prática historiográfica do magistério filosófico da época, como se constituiu e se desenvolvia o magistério filosófico de Heidegger? Arendt responde e testemunha:

O decisivo no método era que, por exemplo, não se falava sobre Platão e não se expunha sua doutrina das idéias, mas seguia-se e se sustentava um diálogo durante um semestre inteiro, até não ser mais uma doutrina milenar, mas apenas uma problemática altamente contemporânea. Hoje em dia, isso sem dúvida nos parece totalmente familiar: agora muitos procedem assim; antes de Heidegger, ninguém o fazia. A novidade simplesmente dizia: o pensamento tornou a ser vivo [...]. Há um mestre; talvez se possa aprender a pensar³⁵.

O falatório acadêmico sobre filosofia, o blábláblá consistia, para ficar no exemplo de Arendt, em expor a doutrina das ideias de Platão, em resumir seu pensamento, em fazer a contraposição com os pré-socráticos e Aristóteles. Não havia o exercício de aprender a pensar com Platão a coisa pensada por ele acompanhando hermeneuticamente através da *meditação*, ou nas palavras de Arendt, “do pensar e ler pensante heideggeriano”³⁶, de um *Diálogo* de Platão durante todo um semestre. Este método heideggeriano não se faz através da historiografia, mas através do histórico, da historicidade. A coisa pensada por Platão, isto é, a filosofia deste, não é coisa passada, ultrapassada, caduca, mas é uma questão que em sendo *meditada*, quer dizer, no método do pensar e ler pensante heideggeriano, tematizando a *mesmidade* da filosofia, torna a questão ou “problemática altamente contemporânea”. Este modo de ensinar filosofia em que se empenha não em dar informações em uma ou duas aulas sobre Platão para logo em seguida falar sobre Aristóteles e assim por diante, mas, ao contrário, o exercício do filosofar é *parar* e se deter na meditação de Platão durante todo o semestre e, a partir de Platão, dialogar com a coisa pensada por ele, quer dizer, com a *mesmidade* da filosofia. Esta rebelia, implicando em liberdade, gestou tantas Vidas filosóficas e, ao contrário do pensamento não-filosófico que julga que assim não se aprende filosofia, foi justamente esses alunos (as) de Heidegger que mais se destacaram na filosofia contemporânea, anos depois. Isto comprova a eficácia do magistério filosófico heideggeriano. Aliás, na citação acima, Arendt, ex-aluna de Heidegger, faz questão de evidenciar isto quando afirma: “Hoje em dia, isso sem dúvida nos parece totalmente familiar: agora muitos procedem [na forma de ensinar filosofia!] assim; antes de Heidegger, ninguém o fazia. A novidade simplesmente dizia: o pensamento tornou a ser vivo [...]. Há um mestre; talvez se possa aprender a pensar”. Portanto, Hannah Arendt testemunha que a rebelia heideggeriana em seu magistério filosófico determinou o modo como se ensina filosofia nas Universidades. Ora, o decisivo no método heideggeriano não era falar sobre a doutrina de Platão, mas passar todo um semestre dialogando com a coisa pensada por Platão, numa disciplina do curso de filosofia. De fato, isto hoje é tão familiar porque isto é o que mais se pratica nos Departamentos de Filosofia, graças a rebelia inicial desses rebeldes: Husserl, Max Scheler, Heidegger, Karl Jaspers. A formação filosófica de Hannah Arendt, de Karl Löwith, de Gadamer, por exemplo, ficou limitada ou prejudicada por terem estudado³⁷, por exemplo, Platão, numa disciplina, durante todo o semestre com

³⁵ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 279-280, grifos nosso.

³⁶ ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 280.

³⁷ Importante insistir neste ponto: Aqui não se fala de estudar Platão na forma historiográfica, do blábláblá, mas no estudar Platão lendo um diálogo no modo de “ler e pensar heideggeriano”, como afirma Hannah Arendt. É um ensinar o aluno a ler o texto de Platão, linha a linha, frase a frase aprendendo a pensar com Platão a coisa pensada por ele: “Ler lentamente, como que tateando, como que me enroscando, me tropeçando nas palavras, como que demorando nelas. Ler como se no mundo só existisse este livro, este capítulo, esta página, esta frase. Deixar então vir a mim idéias, emoções, perguntas, dúvidas. Sentir bem os trechos estranhos,

Heidegger?! Eles aprenderam, ou não aprenderam filosofia?! Eles (as) tornaram-se ou não filósofos (as)? E os rebeldes, os mestres, por exemplo, Heidegger, poderia responder quem os interpelasse ceticamente ou fora da tonalidade da busca da *mesmidade* da filosofia, da seguinte maneira: “a razão de utilizar deste método ao ensinar filosofia não está vinculada ou dependente da exigência do saber filosófico?”. Ou, alguém ousaria afirmar que Heidegger não sabe o que é filosofia e o método de ensino de filosofia, seu magistério filosófico, é arbitrário e despropositado?! Além do testemunho de seus alunos (as) que se tornaram grandes filósofos (as) reconhecidos internacionalmente e muitos deles (a) já considerados clássicos na História da Filosofia, escutemos, sobre esta questão, o próprio Heidegger:

A grande esterilidade dos cursos acadêmicos sobre filosofia tem seu fundamento, entre outras coisas, em que, em um semestre, se pretende ensinar ao ouvinte, seguindo os conhecidos grandes traços [visões panorâmicas, historiografia!], o mais possível sobre tudo o que há no mundo, ou inclusive mais além dele. Temos que aprender a nadar e, em compensação, nos limitamos a passear ao largo da orelha do rio, conversamos [tagarelamos, palreamos, o blábláblá] sobre o murmúrio da corrente e falamos das cidades e aldeias pelas que ela flui. É certo que desta forma nunca surgirá no ouvinte a chispa que permita fazer crescer nele uma luz que nunca mais poderá apagar-se em seu Dasein³⁸.

Heidegger é um grande filósofo e, portanto, sabia o que é filosofia. Suas observações sobre o magistério filosófico, a crítica ao tratamento dado ao ensino de filosofia, não deveria ser escutado com interesse para aqueles que se ocupam com esta questão? Estas críticas heideggerianas ao ensino de filosofia, ou antes, a forma heideggeriana do ensino de filosofia não obedece, não segue as exigências do saber filosófico, do *próprio* do saber filosófico, sendo isto o *decisivo* na avaliação do *quê* (*Was*) e do *como* (*Wie*) se ensinar filosofia?

Certamente, como desenvolvemos, não existe a filosofia, mas as filosofias. Por isto, o caminho para aprender e lecionar filosofia, como acompanhamos no testemunho de vários filósofos, não é o de percorrer as várias filosofias quantitativamente, mas um *co-fazer* qualitativamente, melhor, existencialmente, a experiência do filosofar *nesta* ou *naquela* filosofia. Assim, tematizando a *mesmidade* de *uma* filosofia já alcançamos de certa forma *todas* as filosofias.

A filosofia heideggeriana é uma filosofia, uma tonalidade de filosofar, entre muitas outras possíveis, válidas e legítimas; se de fato elas tematizam a *mesmidade* da filosofia. Mas o essencial na filosofia heideggeriana, sua *mesmidade*, é o que aparece e transparece em toda e qualquer filosofia. Portanto, a *mesmidade* da filosofia heideggeriana pensada aqui na relação com o magistério filosófico no Curso Superior de filosofia, deveria *também* ser acolhida e pensada para configurar o magistério filosófico no Ensino Médio com suas especificidades próprias e distintas, mas realizando e conformando a *mesma mesmidade* da filosofia.

IV

Ao chegar ao fim desta meditação, após analisar o *próprio* do saber filosófico, sua especificidade e, assim, colocando em questão o modo como um estudante deve ser introduzido em filosofia, sobretudo no Ensino Superior, é possível escutarmos algumas vozes que vibram em outros tons: “Mas a formação da Licenciatura é diferente do Bacharelado! O que você refletiu sobre o Ensino Filosófico de Filosofia é mais

sentir o obscuro do que não entendo. No entanto, não divagar. Voltar sempre de novo ao elementar corporal da letra, ali escrita” (HARADA, Hermógenes. “De como Estudar”. In: *Rev. Filosófica São Boaventura*. Curitiba, v. 4, n. 2, p. 11-76, jul./dez. 2011, p.58).

³⁸ HEIDEGGER, Martin. *Principios metafísicos de la lógica*. Traducción de Juan José García Norro. Madrid: Editorial Síntesis, 2007, p. 17-18, grifos nosso, tradução nossa.

apropriado para o Bacharelado em Filosofia do que para a Licenciatura em Filosofia porque a formação do futuro docente tem que ser pensada a partir do Ensino, da Pedagogia, da Didática, da Educação, enfim, das Ciências da Educação. Com efeito, se desejar aplicar esta reflexão ao Ensino de Filosofia no Ensino Médio a *fortiori* ficará evidente o despropósito do empreendimento. O aluno não precisa saber tanto de filosofia como no Bacharelado, pois o decisivo é o saber sobre a escola, ou o fazer filosofia na escola etc...etc...etc...". Na escuta das vibrações dessas vozes é preciso *auscultar* o *filosófico* nessas observações *diferenciando* do *pedagógico* e, neste *distinguo*, operar uma análise dos pressupostos desta fala sob o *bisturi* da *mesmidade* da filosofia. É preciso verificar se na voz ressoa um verdadeiro interesse pela e para a filosofia, ou se o interesse é experimentado desde e para a educação. O aprendizado da filosofia (o que significa aprender em sentido filosófico?³⁹) é compreendido na exigência do saber filosófico, ou o aprendizado da filosofia é "medido" desde os parâmetros das Ciências da Educação? O que significa ensinar e aprender em filosofia é determinado pelo que os filósofos da Tradição filosófica pensaram e escreveram sobre esta questão, ou a determinação é dada pelos critérios das Ciências da Educação? O Ensino de Filosofia é visto desde a per-spectiva, quer dizer, inter-esse da educação, ou desde o inter-esse ou per-spectiva da filosofia? O Bacharel é um *expert* em filosofia e um Licenciado é um *expert* em... ensino de filosofia? O grifo deve ser no "ensino", ou no "de", ou nos dois?! Mas para ensinar filosofia o pressuposto não é possuir o saber da filosofia? E o saber da filosofia, seu aprendizado é "medido" ou decidido pelas Ciências da Educação, ou pela Filosofia?

Não quero, nem posso estabelecer um dualismo entre Bacharelado e Licenciatura, entre forma e conteúdo, nem mesmo desconsiderar a importantíssima contribuição das Ciências da Educação na formação do futuro professor. Nem muito menos propor uma transposição da forma do magistério superior para o magistério no ensino médio, na mesma intensidade e propósito. Nada disso! É preciso, porém, pensar o Ensino Filosófico de Filosofia que seja de fato *filosófico*, ou seja, realizando *na realidade e circunstâncias* do Ensino Médio a mesma *mesmidade* da filosofia realizada e concretizada no Ensino Superior. Então, seria preciso pensar como de fato acontece o aprendizado de filosofia no Ensino Médio, tal como acontece no Ensino Superior, mas levando em consideração todas as circunstâncias, dificuldades, e peculiaridades do Ensino Médio. Filosofia, porém, é filosofar no Ensino Superior ou no Ensino Médio, em todo tempo e lugar, no Brasil e na Europa, não obstante, ou apesar de toda particularidade, especificidade, e circunstâncias peculiares em cada âmbito de ensino ou lugar.

Não privilegiar, portanto, o Ensino de Filosofia na exigência das Ciências da Educação, mas, ao contrário, é preciso privilegiar o saber filosófico, sua especificidade e exigência, e, a partir do asseguramento disto, *na realidade do Ensino Médio* é que as Ciências da Educação poderiam contribuir. Mas essa contribuição é medida e mediada pela e a partir da Filosofia e não pelas Ciências da Educação. Fora da tonalidade da filosofia, o filosofar não acontece, seria uma dublagem descompromissada, fora do tempo, no descompasso com a coisa mesma da filosofia, ainda que os alunos achem o professor carismático, a aula seja diferente das outras disciplinas etc. Mas toda essa provocação, neste parágrafo, é um chamado que não pode ser respondido, ou tematizado agora. É coisa de outra musa, outra tonalidade, outra musicalidade, outro artigo...

³⁹ Sobre esta questão, recomendo a leitura do parágrafo 18, da obra *Que é uma coisa?*, particularmente na letra b), em que Heidegger irá fazer o exercício de explicar a essência do matemático. A essência do matemático não pode ser explicada pela Ciência matemática, então o filósofo da Floresta Negra irá explicar o que significa aprender e ensinar. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?* Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 75-82. Em outro artigo irei meditar sobre esta questão aplicada à formação do Licenciando em Filosofia. Assim como a Ciência matemática não pode responder sobre a *essência* do matemático, e a técnica não pode responder sobre a *essência* da técnica, da mesma forma as Ciências da Educação não podem responder sobre a *essência* do Ensinar Filosofia.

inserido, porém, na mesma *mesmidade*, no mesmo espírito, com a mesma consanguinidade do que aqui foi meditado!

Fica, pois, a provocação, a convocação para pensar a coisa pensada pelo pensado do pensador: se Heidegger é filósofo, sabendo, pois, o que é filosofia, e sendo o *asseguramento deste saber* o que determinou, ou condicionou o seu método de ensinar filosofia, possibilitando o surgimento dos maiores filósofos contemporâneos em diversas áreas da filosofia, então espanta-nos que este magistério filosófico não repercuta na intensidade e radicalidade devida nas atuais discussões brasileiras sobre o Ensino *Filosófico* de Filosofia, ou *Filosofia* do Ensino de Filosofia. Por outro lado, os diversos núcleos espalhados pelo Brasil do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) podem ser tomados como belíssimos *Atelier de Filosofia* em que, se os (as) mestrandos (as) assumirem a problemática do Ensino *Filosófico* de Filosofia, desde a perspectiva do próprio saber filosófico, e não primariamente das Ciências da Educação, possa ser que apareçam verdadeiras obras de artes, propostas criativas do magistério filosófico no e para o Ensino Médio assegurando a *mesmidade* da filosofia como fundamentação filosófica consciente do magistério filosófico nas escolas.

Retomo, para concluir, voltando ao início, à epígrafe deste artigo, pois a força filosófica deste fragmento de Heráclito percorreu, como o sangue nas veias, ou alma animando o corpo, as entrelinhas de toda esta meditação: “Do Logos [*mesmidade* da filosofia!] com que sempre lidam se afastam, e por isso as coisas que encontram lhes parecem estranhas”⁴⁰

Referências

ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. 3ª ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, e Sérgio Wrublewski. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 79, Fragmento 72.

ARENDDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos”. In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BERGSON, Henri. ‘A intuição filosófica’. In: *O pensamento e o movente ensaios e conferências*. Tradução de Bento Prado Neto. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. “L’intuition philosophique”. In: *La pensée et le mouvant: essais et conférences*. Paris: PUF, 1938, p. 126.

HARADA, Hermógenes, “2. Linha de informação e linha de reflexão, um equívoco da classificação”. In: *De estudo, anotações obsoletas: a busca da identidade humana e franciscana*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco; Curitiba: Instituto de Filosofia São Boaventura, 2009, p. 49-54.

HARADA, Hermógenes. “De como Estudar”. In: *Rev. Filosófica São Boaventura*. Curitiba, v. 4, n. 2, p. 11-76, jul./dez. 2011, p.58.

HEIDEGGER, Martin. “Brief über den ‘Humanismus’”. In: *Wegmarken*, GA 9, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1976, p. 167.

HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental, Lógica. A doutrina heraclítica do logos*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

⁴⁰ ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. 3ª ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, e Sérgio Wrublewski. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 79, Fragmento 72.

- HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 75-82.
- HEIDEGGER, Martin. *Principios metafísicos de la lógica*. Traducción de Juan José García Norro. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. “Carta sobre o humanismo”. In: *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini, e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- HEIDEGGER, Martin. *Ejercitación en el pensamiento filosófico: ejercicios en el semestre de invierno de 1941-1942*. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2011.
- JASPERS, Karl. *Autobiografía filosófica*. Traducción de Pablo Simon. Buenos Aires: Editorial Sur, 1964.
- JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. 4ª ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Guimarães Editores, 1976.
- KIERKEGAARD, Søren. *Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo*. Tradução de Sílvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro Valls. Prefácios e notas de Jacques Lafarge. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Tradutor Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.
- KIERKEGAARD, Søren. *La enfermedad mortal: una exposición Cristiano-psicológica para edificar y despertar*. Traducción de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Trotta, 2008.
- KIERKEGAARD, Søren. *Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus*. Vol. 1. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- KIERKEGAARD, Søren. “Kjerlighedens Gjerninger”. In: *Søren Kierkegaards Skrifter Elektronisk*. Version 1.6, 2011 (SKS 9), p. 354. Disponível em: <http://sks.dk/KG/txt.xml>. Acesso: 07/06/2019.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. “III Consideração intempestiva: Schopenhauer como educador”. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo (Org.). *Escritos sobre educação*. 3ª ed. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007.
- NOBRE, Marcos; TERRA, Ricardo. *Ensinar filosofia: uma conversa sobre aprender a aprender*. Campinas: Papirus, 2007.
- ORTEGA Y GASSET, José. “Origen y epílogo de la filosofía”. In: *Obras completas*. Tomo IX (1960-1962). 2ª ed. Madrid: Revista de Occidente, 1965 (OC 9).
- PLATÃO. *Carta VII*. Tradução de José Trindade Santos, e Juvino Maia Jr. Introdução de Terence H. Irwin. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008.

RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Tradução de F. A. Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

Doutor em Filosofia (UFPB-UFRN-UFPE)
Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UERN/Caicó
Professor do PRO-FILO, núcleo UERN
E-mail: marcos_eric@yahoo.com.br